OS ESCRITORES ARGENTINOS NO ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. FONTES PRIMÁRIAS PARA UM PERSPECTIVISMO LITERÁRIO INTERAMERICANO

Davidson Diniz (UFRJ | FBN)

Resumo: Este artigo apresenta um panorama parcial de pesquisa referente a fontes primárias disponíveis no acervo da Fundação Biblioteca Nacional, as quais permitem postular e discutir algumas hipóteses relativas às relações literárias entre a Argentina e o Brasil. O acesso a tal documentação vem permitindo mapear a primeira constituição de um comparatismo interamericano, isto é, um saber ocupado em promover a autonomia literária das formações discursivas latino-americanas a despeito do cânone europeu. O quadro apresentado abaixo considera a perspectiva interamericanista iniciada na interseção dos campos literários argentino e brasileiro pela geração romântica, bem como aponta para os desdobramentos subsequentes que avançam pelo século xx.

Palavras-chaves: Literatura Argentina; Literatura Brasileira; Literatura Comparada; Comparatismo Interamericano; Fundação Biblioteca Nacional.

Introdução

Sob a forma de um oximoro foi que se deu o primeiro gesto relacional da época moderna no continente americano: a assinatura do Tratado de Tordesilhas (1494), documento que decidiria a partilha do invadido território ultramarino entre os reinos de Portugal e Castela, demarcando a posse das "terras descobertas e por descobrir" fora do território europeu. O corte de interdição tordesilhesca sobre o corpo americano rendeu-nos uma lesão ancestral, geográfica, histórica, linguística, indenitária e, por óbvio, política, operando um dilaceramento cuja cicatrização parece não encarnar senão como uma invenção contínua, a nunca se concluir. Os resultados arcaicos e atuais dessa laceração são sentidos em dimensão translinguística e intraterritorial, jamais resultando em impedimentos relativos apenas às áreas dos países de língua espanhola ou portuguesa (por não mencionar outras zonas linguísticas da região caribenha não contempladas no documento de 1494). Quer isso dizer que, independentemente da unidade ou, pelo contrário, das disparidades linguísticas, as relações interamericanas sempre enredaram um verdadeiro nó górdio entre nós. A não se esquecer, nesse sentido, a proposição bolivariana a respeito da formação de uma "Pátria Grande", ensaio ideológico a manter algumas estruturas sociais, políticas e idiomáticas da América Hispânica após as batalhas de independência de cujo fim resultou a expulsão dos espanhóis de terras americanas. Cuidou-se ali de propor uma constituição republicana, de espessura intercontinental, que permitisse fazer frente a contragolpes do antigo colonialismo europeu (então acrescido das novas demandas mundiais protagonizadas

por países como a França, Inglaterra, Holanda, etc.), bem como ao imperialismo estadunidense, o qual gestaria mais tarde a chamada “Doutrina Monroe” (1823) e o “Destino manifesto” (1840), razões imperialistas por meio das quais os Estados Unidos procurariam justificar seu expansionismo pelo continente americano, a ponto de converter o significante geográfico transterritorial em termo a excluir de seu direito de uso as demais regiões americanas que não fossem estadunidenses.

É justamente em meio a esse cenário sociopolítico que o discurso intelectual e literário produzido nas jovens nações hispano-americanas passaria a ser assimilado no Brasil, assim como os vizinhos passariam a absorver o campo constitucional, comercial e intelectual brasileiro. Embora tardio e ambivalente, o pensamento republicano incipiente no Brasil Império (efetivado com características completamente distintas dos países fronteiriços em razão da transposição ultramarina da corte portuguesa para a zona lusitana das Américas à época das invasões napoleônicas) permitiu a ascensão de um sentimento interamericanista (dúbio de nascimento) na intelectualidade brasileira. Passaríamos a nos interessar pela independência política recém-conquistada nas Américas, tomando-a como fenômeno capaz de aportar uma emancipação intelectual e literária em vista das raízes ibéricas e imperiais. Logo, nada melhor do que o espelho dos vizinhos a fim de projetar a nova imagem a ser reconfigurada após a interdição do antigo reflexo metropolitano.

E não é senão nas relações mentais e literárias com a Argentina que encontramos o fluxo de trocas mais volumoso no que diz respeito às especificidades das infiltrações interamericanas da cultura brasileira pelas Américas. São sobretudo dois os episódios que exemplificam os começos das relações literárias entre a Argentina e o Brasil. Passo a eles a seguir, tanto quanto aos posteriores desdobramentos, sempre os considerando em vista da documentação acionada nos arquivos da FBN.

O debate da autonomização por trás das relações literárias interamericanas

Durante o segundo governo de Juan Manuel de Rosas (1835-1852), a Argentina entrou em um período de fechamento democrático, rendendo ao país a interrupção da abertura republicana que havia sido iniciada após a instauração da Primeira Junta (1810), órgão constitucional que reivindicou a paridade jurídica entre os cidadãos argentinos e espanhóis, episódio que só posteriormente passaria a ser conhecido por Revolução de Maio (Cf. TERÁN, 2008, p. 36-50), visto estabelecer as causas que mais

tarde cimentariam a independência política da região rio-platense em vista da coroa espanhola. Rosas interditou os arranjos republicanos promovidos anteriormente pelos unitários (partido que protagonizara a emancipação política emergente em 1810 e propulsor de um republicanismo progressista irradiado a partir de Buenos Aires, a despeito dos federalistas, que reivindicavam a diluição do poder centralizado na capital entre as províncias do interior), encampando um quadro de perseguição ideológica, de fechamento de jornais e toda sorte de limitação da liberdade de expressão. Daí por diante a geração romântica, que ficaria conhecida como geração de 1837 a razão dos encontros ocorridos no salão literário organizado por Marcos Sastre, encontrou-se obrigada ao desterro. Parte dos escritores românticos argentinos recebeu exílio no Chile (Domingo F. Sarmiento e Juan B. Alberdi), parte na Bolívia ou no Uruguai (Esteban Echeverría e, nos primeiros anos, José Mármol), e outra parte no Brasil (Juan María Gutiérrez, no Rio Grande do Sul, e, no Rio de Janeiro, Mármol), país que receberia visitas de outros argentinos, a exemplo de Sarmiento.

Embora o romantismo brasileiro não se constituísse como um contra poder renovador em relação aos elementos políticos e estéticos trazidos da Europa, o campo intelectual brasileiro da época encontrou-se em ressonância com o campo argentino no que diz respeito às pretensões bilaterais de oficializar a reforma literária em direção ao um processo de autonomização das literaturas americanas. Ambos os contextos se preguntaram sobre como alcançar, em plano linguístico, literário, a emancipação que, bem ou mal, havia sido obtida em plano político após as independências. Nesse sentido, Adriana Amante sugeriu no livro *Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas* (2010) que o Brasil foi convertido, pela geração de 1837, em um "ponto na cartografia de fuga" durante o fechamento democrático do período rosista.

A Fundação Biblioteca Nacional (FBN) armazena no seu setor de manuscritos uma série de documentos referentes aos percursos de Domingo Faustino Sarmiento e José Mármol pelo Rio de Janeiro, série que se acresce de revistas e periódicos que encampam a questão. É intenção da pesquisa que conduzo na FBN assimilar essa documentação específica, interpelando e projetando-a em vista das relações interliterárias que vinculam mutuamente a Argentina e o Brasil.

Quando Sarmiento passa pelo Rio de Janeiro em 1852, época da segunda visita, tendo a primeira ocorrido em 1846, ele escreve uma carta a Paulino José Soares de

Souza, então conhecido como visconde do Uruguai, comentando o encontro que tivera com o Imperador do Brasil, Pedro II, na cidade de Petrópolis. O valor do documento de 1852, não publicado até aqui, está em apresentar-nos, quando analisado em cotejo com o documento de 1846, a carta escrita a Miguel Piñero e reunida no livro *Viajes* (1997, p. 56-74), uma alternativa à visão inicial que Sarmiento escreveu na febre tropical de sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro. O primeiro pensamento bilateral de Sarmiento se encontrou completamente desgosto em relação à indiferença praticada pela política do Brasil imperial que, para o argentino, ignorava a existência da República Argentina (Cf. SARMIENTO, 1997, p. 67). Ainda que se mostrasse empolgado pela monumentalidade sublime do Pão de Açúcar, da paisagem da praia de Botafogo e do Corcovado, afirmando que as suas "faculdades de sentir não são suficientes para abarcar tantas maravilhas", sentiu-se ameaçado pelo sol tropical, chamando-lhe de "astro matador" e, ainda, encontrando-lhe às características de um "tirano sobre cuja face não haveria quem ousasse lançar a vista furtiva".[1] Mais chamativo de atenção é o perfil que pinta de Pedro II:

> Es el emperador un jóven, idiota en el concepto de sus súbditos, devotísimo i un santo en el de su confensor que lo gobierna; mui dado a la lectura, i segun el testimonio de un personaje distinguindo, excelente jóven que no carece de intelijencia, aunque su juicio está retardado por la falta de espetáculo, i las malas ideas de una educacion desordenada. La *fanfarronería* en las palavras i la endecisión en hechos, hé aqui los dos cabos del hilo de la política imperial en todas las transaciones que tienen relacion con el Rio de la Plata. El jeneral Guido habia no há mucho arrancádole un tratado, por el cual la polícia brasileira se encargaba de hacer el oficio poco honroso de carcelera de los emigrados arjentinos (SARMIENTO, 1997, p. 68).

A hipótese que aqui pede ser postulada, ao sobrepormos a impressão e epistolar de 1846 à de 1852, consiste em perceber como, na primeira carta, Sarmiento assimila o Brasil imperial por meio do dispositivo de polarização entre a civilização e a barbárie, encontrando, do lado de cá, a continuidade de um regimento político arcaico, pré-moderno, que, no limite pampeano, parecia invadir a capital federal, zona que, para a geração de 1837, significou a ruptura institucional com as raízes ibéricas (sinônimo de antimodernidade no léxico sarmientino) e, especialmente, a emergência do regime republicano, democrático e moderno cuja barbárie rosista interditara.

[1] Sobre as analogias do sol tropical com o regime antidemocrático, ver Moreira, 2013.

Mas já algo distinto ocorreria na carta enviada (1852) ao visconde do Uruguai, conforme se lê a seguir na transcrição que faço do documento, texto em que Sarmiento desmontou o argumento posto no documento posterior, logo de ser recebido pelo imperador e dele obter comentários sistemáticos sobre a questão argentina, tocando-lhe em especial os comentários imperiais tecidos sobre sua bibliografia:

> Rio de Janeiro Abril 14 de 1852
> Mi distinguido y amable amigo:
> (A Paulino-Uruguai)
> Le escribo a V. con los recuerdos frescos aun de las agradables conferencias que he tenido con S. M. el Emperador en su residencia de Petrópolis, repetidas, solicitadas algunas, y todas francas, llenas de indulgencia, y con un abandono de parte de S.M. que más honor hacian a la elevación de su caracter, que el que a mi me dispensaba, que era inmenso.
> Recordará V. que venia exasperado con los tratamentos descorteses de [ilegível], a quienes en condiciones iguales no tomaríamos para que nos limpien las botas, porque ni eso saben, y [ilegível] V. imaginas el efecto balsámico que ha debido producirme este episodio de mi vida y que se coloca entre los más gratos recuerdos.
> Deciame el señor Carneiro, que era reservado por caracter y que lo estimulase a abrirse conmigo. No se lo que ha sucedido, pero me acordaba de una frase de V. hablabamos ambos horas enteras, disputadonos la palabra, salira la multitud de cuestiones interessantes, [ilegível], inmigraciones, poesía, caracteres nacionales [abreviatura].
> Conoce todos mis escritos y me ha hablado de cuanto detalle de personas e incidentes se encuentran en ellos. Gustava mucho de los caracteres que he trazado aqui y allí en mi biografia, y me indicaba que los reuniese en uno solo libro. Indiquele algunos que no conocía, pidiomelos; pero se desconcestó un poco cuando le dije: estan en un libro que no deseo que lea S. M. Entonces me dijo pongame señales de lo que quiere que no lea y cuente V. que no lo leré! Imaginase V. amigo cuanto hay de sencillamente noble en este abandono. Mandole el libro, sin indicarle nada para que lo leyese todo, pues me [ilegível] después de los incidentes, mismo que por su frivolidad hubiera querido ocultar a sus miradas. Eran *Recuerdos de Provincia*.
> Tocome con una discresion afectuosa algo de mis viajes, menos para hacerme un reproche de ello, que para mostrarme cuán seguro estaba de mis sentimentos de justicia.
> Esto lo hacia mientras me hacia colcetas [(?)], sedas e darme una memoria pedida al objeto.
> He sido condecorado con la condecoración de oficial de la Orden de la Rosa y a indicación mia los Coroneles Mitre y Paunero por habernos hallado en ella combate Naval del Tonelero. Juzgue V. por cuanto no hago más que indicarle, cual debe ser mi afección profunda y mi respeto por hombre tan altamente colocado, y tan noblemete enriquecido de las prendas que adorna en el caracter y el espiritu. Tendré un día ocasion de manifestarlo así en mis ulteriores trabajos.
> He podido inferir por el examen a vuelo de pájaro que hago de la escena política que presenta el Río de la Plata que en buen y en mal las máscaras caen, y cada uno se presenta en su verdadero punto de

> vista. El edifício de la fusión, fundado sobre arena, se desmorona, y el arbor de sus frutas naturales.
> Crea V. que lo celebro. Mientras el caldero está en ebulición la depuración puede hacerse; después de tomada la forma había sido lento imprimirle otra. Lo de Buenos Aires es curioso, la prensa, la administración, las proclamas, los nombramientos, aquel hacer y deshacer, que muestran en el que dirije los manejos la petulancia de un niño, la incosistencia del barro, y la falta de ideas, de juicio, de tino. El resultado final es que retracta cuanto hace o dice, que y lo han aprendido a manejar. Tengo esperanzas de que estamos salvados, y que nada, nada se ha perdido.
> Yo pernanezco aqui, hasta que las cosas de Montevideo estallen, y aquella ventolina se disipe. Estoy pues a sus ordenes.
> Mando pues un folleto *ad memorandum* en que principio el fuego. Es solo para preparar el terreno, y sondearlo. Como conozco ya a mi adversario, estoy seguro de que mirará y tratará de evitar que le ponga la proa como a Rosas. Cuenten conmigo en todo lo que seja hostil al espiritu que domina la política general, y contraria nuestras afeccciones y simpatias havia V. y el Brasil.
> Aprovecho esta ocasión de ofreceles a V. las consideraciones de respeto y amistad, con que soy servo y amigo.
> D. F. Sarmiento

Achando-se então na possibilidade de ser acolhido no seio da política imperial de Pedro II e das relações exteriores conduzidas pelo visconde do Uruguai (conforme fica evidente em trecho citado de documento da mesma época e transcrito logo mais abaixo), Sarmiento revisa a tese da dialética entre a civilização (republicanismo cosmopolita) e barbárie (caudilhismo antirrepublicano) ao encontrar no Brasil imperial (após a derrubada de Rosas por Urquiza, que a partir do ano de 1852 iniciaria a reorganização constitucional da Argentina) algum gesto de adesão à causa unitarista, republicana.

Sarmiento reconsidera, portanto, a opinião geral antes tecida sobre regência monárquica de Pedro II que, conforme a carta de 1846, equivaleria à pré-modernidade do regimento político caudilhista, antirrepublicano, de Rosas. A partir daí, Sarmiento rasura (ainda que de modo instável, se o comparamos a Mármol, como já se verá) a fronteira nacional em busca de uma unidade americana, perspectiva que permitiria a geração de 1837 regressar à Argentina após o fim do regime rosista.

Antes disso, Mármol chegara ao Rio de Janeiro em 1843, permanecendo na capital do Império brasileiro até 1846. Entre suas participações mais marcantes na vida literária e intelectual brasileira está o artigo “Juventude progressista do Rio de Janeiro”, publicado em 1846, originalmente em português (sem menção ao tradutor) na revista *Ostensor Brasileiro*. Esse texto pede ser lido em correlação ao artigo “Indagações sobre

a literatura argentina", publicado em 1844 por Joaquim Noberto de Souza e Silva na revista *Minerva Brasilienses*.

O crítico brasileiro havia feito ali um balanço do romantismo argentino, assimilando as produções de uma literatura nacional e, nesses termos, comparando Esteban Echeverría ora a Fagundes Varela, ora a Gonçalves de Magalhães e, por fim, sugerindo o viés da aproximação mútua, entre o campo letrado brasileiro e o argentino, em lugar da indiferença pela renovação literária que emergia no país vizinho. Mas para Mármol a poesia de Magalhães não é comparável à de Echeverría, posto que, para o argentino desterrado no Rio, o poeta brasileiro não passava de um "exportador da lírica europeia", isenta de conteúdo nacional (cujo exemplo verdadeiro de tal prática encontrava-se, para o argentino, na poesia de Araújo Porto-Alegre).

Para Mármol, a literatura nacional não existe no Brasil imperial, pois país não havia "entrado na revolução americana". Entrar na revolução americana significa, para ele e, por desdobramento, para toda geração de 1837, romper com a monarquia ou caudilhismo em plano político, reivindicando o republicanismo progressista, e, em plano estético, abandonar o ideal de um romantismo pitoresco. Quanto a esse último aspecto, convém lembrar que o romantismo brasileiro, conforme a inteligente hipótese de Amante (2010, p. 44-45), fundou o caráter nacional na ideia de natureza, ao passo que o romantismo argentino procurou fundamentou o caráter nacional de sua literatura superando a ideia de natureza, em busca do espaço urbano no qual os vizinhos encontravam os signos capazes de assegurar o processo civilizatório, a exemplo das instituições republicas e da modernização. Por isso, o incomodo de Mármol diante das alegorias irradiadas no romantismo brasileiro.

É nesse sentido que, para Mármol, o Brasil imperial, tendo feito não mais do que apenas dar continuidade à monarquia, haja vista a transferência da corte portuguesa para as Américas, não havia promovido sequer uma revolução da opinião pública, nunca uma revolução política, nem muito menos uma revolução literária. Daí o texto de Mármol ser concluído com uma efusiva convocatória à juventude carioca, com a intenção de fazê-la tomar para si a causa americana, isto é, endossar o republicanismo que se encontrava sob ameaças na Argentina, razão pela qual, no correr do texto, o poeta argentino parece antecipar o sintagma maior do interamericanismo, pululando ali a expressão "nossa América", que só décadas mais tarde seria imortalizado nos escritos de José Martí.

Em que pese a retórica por trás das sentenças panfletárias de Mármol, algo de sua análise convém bastante para entendermos um ponto tocante à questão da autonomia do campo literário e, especialmente, o procedimento das trocas bilaterais que se ensaiavam a meio caminho do século XIX para o XX. Quando se critica a imprensa brasileira à época imperial, fala-se da ausência de um assunto homogêneo na imprensa carioca. O poeta argentino desterrado no Brasil imperial, ao tramar para a causa americana, pressente (sim, trata-se de um pressentimento, posto que repetidas vezes Mármol sobrepõe a *quaestio* política à literária) um ponto crucial para o procedimento constituinte da autonomia no campo literário: a separação das esferas do poder/saber da época, acrescida da profissionalização do escritor.

É o que se faz notar a seguir na leitura do trecho em que a crítica impressionista, isto é, despida de especialização e, por isso mesmo, alheia a um quadro em que os saberes haveriam de ser depurados:

> Passemos ao periódico literário. Este escrito, que é em ponto menor que o folheto, se alimenta de duas fontes: da produção original e da crítica. Faltando a produção, falta a crítica em literatura; porém existe outro quadro imenso, outro livro, onde cada página, cada linha é um alvo de crítica para o periódico. Este livro é a sociedade com suas preocupações, suas tendências, seus hábitos e seus costumes. Tudo isto é uma propriedade do crítico, porém que só o periódico pode conter, porque todo o povo o lê e compreende; no entanto que levada ao livro, a crítica vem a ser uma dissertação pesada e ineficaz.
> O artigo curto e *Figaresco*, picante pelo espirito e pela graça, com o fundo filosófico, e a vulgaridade na expressão, é uma arma irresistível da crítica, quando se atacam as aberrações da época ou do bom senso da sociedade.
> A Europa está semeada deste gênero de literatura que não apresenta em sua análise senão nimiedades (sic) sem fruto, porém que em rigorosa síntese apresenta o aríete irresistível que há de destruir em poucos anos o costume mais inveterado, a preocupação mais arraigada (MÁRMOL, 2010, p. 425).

Na ausência de um mercado editorial que viabilizasse um projeto de unificação letrada do espaço da Nação emergente, a imprensa, para Mármol, deveria então cumprir a função de pôr em rotação e legitimar os signos nacionais. De modo que da presença de uma imprensa acrítica, tendendo menos à especialização que aos generalismos dos esboços impressionistas, como ele via a produção carioca à época, marcada pela publicação de miscelâneas, resultaria a ausência de conteúdos nacionais, elementos capazes de promover uma emancipação do campo intelectual por meio de um assunto que permitisse dinamizar a sociedade por meio da opinião pública. A debilidade desse

quadro impedia, sob o olhar de Mármol, que a juventude carioca produzisse um movimento revolucionário e irruptivo tanto em âmbito político quanto literário.[2]

Convém mencionar, agora, a existência de outro documento arquivado na FBN, diretamente relacionados às relações de Mármol e a sociedade brasileira, bem como a recepção de sua obra em nosso campo letrado. Cito:

> /Confidencial/
> Ilmo. e [abreviatura ilegível]
> 6 de jan de 1851 [escrito com tinta vermelha]
> 1852 [tinta azul]
> Remeti pelo Paranaense [sublinhado] sete exemplares do número da *Semana* onde é habitualmente defendida a intervenção do Brasil nas questões do Prata. Como Va. Reconheceu convenientemente, pretendo retribuir ao autor, que promete continuar no mesmo empenho. Por uma pessoa da intensidade desse moço, e que me merece confiança, procurei saber qual o meio mais próprio de recompensá-lo por esses serviços: declarou ele que, posto [sic] precise muito de dinheiro, não o receberia pelos escritos com que nos tem obsequiado. Segundo essa pessoa, Mármol aceitará algum mimo de valor, e estimaria que prestássemos algum auxílio ao seu periódico.
> Tenciono presenteá-lo com um relógio e [ilegível] no valor de 400 $ a 500, 000 de nossa moeda e tomar sete assinaturas da *Semana*, uma para o I. M. o Imperador e as outras V. Exa. E os seus colegas. E prestar-lhe-ei mais algum auxílio, se ele continuar a escrever a nosso favor.
> Prometeu-me que nos próximos número da *Semana* responderá ao que Rosas fez publicar no seu Agente Comercial do Prata contra os tratados que acabamos de celebrar com este Estado; desmascarando as intrigas do ditador, mostrando a futilidade da acusação de monopólio comercial que segundo aquela folha temos em vista, e quanto aos limites com este Estado, sustentando que a Confederação nada tem que ver nesses ajustes, sobre que indiretamente se pronunciará a favor.
> Os artigos do *Agente Comercial del Plata* pertencem, segundo presume Mármol, à pessoa de Guido. Se, como já ouvi a alguém, Mármol é filho de Guido, não admirará que ele tenha feito algum estudo do estilo desse escritor.
> Para que as caricaturas que Rosas dedicou-nos e à Urquiza não fiquem sem resposta em tempo, estão se preparando algumas com toda a [ilegível].
> Uma dessas caricaturas apresenta a América tendo arrancando a máscara a Rosas, que aparece como um bípede, com pés de hiena e cabeça de burro. Outra mostra as reviravoltas deste mundo – Rosas servindo de cavalo ao seu lobo D. Eusebio –: tem por [ilegível]. Há uma em que o ditador aparece fugindo com laço cheio de onças que tem enforcado, deixando os argentinos pobres e apenas coberto com

[2] Ainda que a questão aventada por Mármol seja da maior pertinência no que tange ao problema da emancipação literária, é bom lembrar que a renovação do espaço de circulação da enunciação literárias e rupturas poéticas latino-americanas, como já demonstrou Julio Ramos (2008), acorreu, entre nós, justamente por meio das experimentações em meio jornalístico, nunca permitindo um purismo senão, antes, uma tensão de gêneros enquanto procedimento da modernização literária latino-americano desde o século XIX.

> um chiripa. A quarta, finalmente, apresenta Rosas com ridículos esganes de nojo aos pés de Urquiza, que o segura pelas orelhas. O artista dessas caricaturas é um nosso compatriota, chamado Rapahel, que se acha há muito hospedado em casa do Sr. Silva Pontes. É mais um serviço que julgo dever retribuir.
> Tenho a honra de ser
> De VEa.
> [assinatura ilegível]
> Honório Hermeto Carneiro Leão
> Montevideo, 6 de janeiro de 1851
> 1852 [a tina azul]

Gostaria, ainda, de acrescer à transcrição do documento supracitado algo retido do rascunho à lápis que se encontra junto a documentação interpelada:

> Acabo de fazer a Mármol o favor de aceitar 75 exemplares de suas *Harmonías* e 75 da *Amalia* para mandar vender no Rio de Janeiro, adiantando-lhe já o preço que são 300 patacões. Remeterei a V. Ex. pelo Paquete do Sul esses exemplares, e pedirei o pagamento do meu adiantamento. Mármol vai para Buenos Aires escrever um jornal, e parece-me bom conservar as boas relações em que estamos. Quando fui daqui para Buenos Aires dei passagem no Paraense a Alsina, atual ministro em Buenos Aires e a Diogenes, e mais cerca de 30 argentinos emigrados. (...) Dou ao Dr. Sarmiento uma carta de apresentação para V. Ex. Está ele muito descontente com Urquiza (...). Dissuadido da conspiração, resolveu-se a seguir para o Chile, com escala pelo Rio de Janeiro. Eu o trouxe para aqui no Recife, e agora segue no Prince.
> Como o Dr. Sarmiento acompanhou a Urquiza na sua campanha além do Paraná, pode instruir a V. Ex., e a S. M. o Imperador de muitas particularidades úteis, e pois rogo lhe que cultive as relações com o dito Dr., e o apresente mesmo a S.M. o Imperador, que estou certo gostará de o ouvir. Há no Dr. Sarmiento alguma cousa de poesia, mas dado esse desconto, e [ilegível] a importância que ele crê ter, há nele muito a aproveitar...
> Sou De V. Exa.
> [abreviaturas de tratamento]
> Honório Hermeto Carneiro Leão.

É de se notar, por tudo isso, que, no decorrer dos novecentos, o assunto literário se encontrou longe de estar separado das outras esferas do saber/poder, instâncias à época irreversivelmente capturadas pelo Estado, restando assim imiscuído e positivado pelo espectro político, diplomático, econômico, jurídico e, às vezes, bélico – fato que interditou a consideração da espessura eminentemente poética acerca da formação do objeto literário interamericano naquele período.

A questão da autonomia na interseção dos campos letrados argentino e brasileiro é abordada por ângulos díspares, como se apresentou acima, a exemplo do que faz Sarmiento, Joaquim Noberto e Mármol. Ora são buscadas as equivalências comparativas entre os dois campos, inclinado à reduzir a produção argentina (Noberto)

ao estado de reformulação em que ele enxerga o romantismo brasileiro (ou na via reversa para o caso de Sarmiento); ora se escreve (mesmo que a momentos específicos Mármol viesse a se valer da categoria acusatória das "ideias fora do lugar" em meio ao desterro político por que passava) de modo a entender as debilidades institucionais e editorias mediante as quais não se chegava nunca a uma autonomia da *poiésis* no campo letrado brasileiro, sendo a sua própria produção atingida pela impossibilidade de ser recebida entre nós sem a coexistir com a intervenção de outros círculos do poder/saber. Em qualquer caso, o simples fato de se assimilar e discutir o tema é revelador de que a autonomização se encontrava em curso. Opta-se, em qualquer um dos casos analisados, pelo eixo de americanização da comparação, formulando assim os antecedentes constitutivos de um espaço literário interamericano.

De modo inaugural, as primeiras formações discursivas de que viemos falando desviram a análise da relação exclusiva de fonte (Europa, i.e., Espanha e Portugal) e influência (Argentina, Brasil). Passa-se a inscrever um ponto lateral na notação analógica formal (cujo fundamento é a dialética hegeliana) A = A porque A ≠ B. Dessa maneira, a dicção comparatista da formação discursiva interamericana começou a abrir uma via que problematizaria a base argumentativa da tradição comparatista europeia ao questionar a constituição pré-identitária dos comparatismos iniciados no século XIX, à época da emergência da Linguística Comparada enquanto disciplina moderna. O corpus documental aqui discutido registra justamente a procura pela suplantação do regime de diferença abstrata, indiferente às qualidades idiossincráticas apresentadas por A e B, dado que, na notação da linhagem hegeliana, A sempre precederá B para que a equação A = A esteja legitimada (simplesmente porque A ≠ B), razão que serviu de base analógico-analítica para todo o comparatismo europeu dos novecentos, cuja epítome foi a categoria gotheana da *Weltliteratur*, ordem de registro que não poucas vezes obstruiu a assimilação da figuração específica do objeto poético criado no espaço literário americano. É precisamente daí que decorrem as primeiras formulações de um deliberado *perspectivismo interamericano* entre os campos literários argentino e brasileiro, criando possibilidades de saberes e poéticas autônomos, determinados por coexistências específicas (homologias associativas transidentitárias) que não mais operariam nas correspondências de relações genéricas (homologias de filiação pré-identitária), tornando desnecessário o referente metropolitano ou o cânone europeu (cuja lógica comparatista encontra-se marcada por uma analogia da proporção), assim

irradiando a institucionalização de nossas literaturas (cujo perspectivismo passa a ser regido pela proporcionalidade).

Finalmente, gostaria de anotar uma ressalva a concluir o que aqui está posto em discussão. A institucionalização do que estou chamando de *perspectivismo interamericano* (no sentido de um aparato suprainstitucional a reger um objeto a partir da criação de regras comparativas e normas epistemológicas próprias) nas relações literárias entre o Brasil e a Argentina não ocorrerá antes que irrompam os arranjos editoriais bilaterais levados a cabo por Manuel Gálvez e Monteiro Lobato, a partir de 1918 em continuidade pelos anos 1920. De um lado, a *Revista do Brasil* e a Editora Companhia Nacional, comandadas pelo brasileiro, e, de outro, a revista *Nosotros* e a Cooperativa Editorial Buenos Aires, capitaneadas pelo argentino, entrelaçam-se de modo a efetivar o encontro bilateral mais efetivo por meio de uma bibliocircularidade que inexistia no séc. XIX. É só a partir daí que o discurso literário compõe um horizonte de composição e editoração (excedendo aos propósitos pessoais de Gálvez e Lobato e mais tarde repercutindo em escritores como Mario de Andrade e Nicolas Olivari, entre outros) de modo a não buscar em outras instâncias a garantia de circulação e função social do objeto e enunciado literários entre ambos os países, conforme escrevi recentemente em outro lugar (Cf. DINIZ, 2016), tema para o qual não disponho de espaço de escrita aqui e ao qual deverei voltar uma vez mais quando por fim publicar o trabalho que agora se encontra em processo de escrita, dando a conhecer, por fim, o resultado derradeiro da pesquisa em andamento na FBN.

É tudo, por ora.

Referências

AMANTE, Adriana. *Poética y políticas del destierro. Argentinos en Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: FCE, 2010.

DINIZ, Davidson. Monteiro Lobato y la Companhia Nacional | Manuel Gálvez y la Cooperativa Editorial Buenos Aires. In: CROCE, Marcela (dir.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña. Tomo II. De la crisis bursátil a la caída de los gobiernos populistas (1891-1955).* Villa María, Eduvim, 2016 (no prelo).

MÁRMOL, José. Fragmento da minha carteira de viagem. In: *Ostentor Brasileiro*. Jornal literário e pictorial. Edição fac-similar (1845-1846). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 193-194.

____.Juventude progressista do Rio de Janeiro. In: *Ostentor Brasileiro*. Jornal literário e pictorial. Edição fac-similar (1845-1846). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 352-355-356-357.

MOREIRA, Maria Eunice. Hermanos e irmãos. As relações literárias entre os românticos argentinos e brasileiros durante o romantismo. In: *Teresa*. Revista de Literatura Brasileira [12|13]. São Paulo, 2013, p. 79-93.

NORBERTO, Joaquim. Indagações sobre a literatura argentina. In: *Minerva brasiliense*. Núm 10. Vol. 1. Rio de Janeiro, 1844, p. 294-301.

RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século dezenove*. Tradução de Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes*. Edición crítica de Javier Fernández (coordinador). París, México, Buenos Aires, São Paulo, etc.: ALLCA XX, 1997.

TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina. Diez lecciones iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2012.

Fontes

. Carta de Domingo Faustino Sarmiento a José Soares de Souza, informando sobre a situação política argentina e o resultado das conferências que teve com o imperador brasileiro em Petrópolis. Localização: 63, 04, 001 nº 015; Localização antiga: TM-23,1TM-22,10TM-24,30; Local: Rio de Janeiro; Data: 09-14/04/1852; Idioma: espanhol; Série arquivística: visconde do Uruguai.

. Cartas do visconde do Uruguai, Honório Hermeto Carneiro Leão Paraná, a Paulino José Soares de Sousa; comenta sobre a conversa que teve com José Mármol acerca de enviar exemplares da obra *Amália* para ser vendida no Rio de Janeiro. Localização: 63,03,006 nº055. Localização antiga: TM-22,22TM-24,68. Local: Montevidéu. Data: 25/03/1852. Paginação: 4 doc. (16 p.). Série arquivística: Visconde do Uruguai.

. Carta de Paulino José Soares de Sousa a José Mármol, informando que recebeu seus livros enviados pelo conselheiro Leão e comentando as obras. Local: Rio de Janeiro. Data: 20/03/1852. Paginação: 4 p. Série arquivística: Visconde do Uruguai.